

## ORALIDADE NO COTIDIANO ESCOLAR : UMA PRÁTICA DO CONTADOR DE HISTÓRIAS NA FRANÇA<sup>1</sup>

Maria de Lourdes PATRINI  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

**RESUMO:** *A prática de contar nas bibliotecas é tão importante como esta prática na escola, pois ela já existia antes do fenômeno da renovação do conto oral na França. Os contadores contemporâneos continuam a contar na escola, nas bibliotecas e nas creches. Vários contadores começaram a contar nestas instituições, entretanto, fazem críticas severas aos professores e à escola no que se refere ao uso do conto oral. Praticamente todas as escolas têm projetos pedagógicos envolvendo o conto com alguns resultados interessantes, mas estes projetos necessitam ainda de um novo impulso para se afirmar.*

**Palavras chave:** *contador de histórias, conto oral, escola*

**ABSTRACT:** *As important as the tale in library is the practice at school, as it existed before the renewal of the tale in France. The contemporary storytellers continue to tell at school, at libraries and at nurseries. These institutions are the places where the majority of them have started telling stories. However the storytellers are very critical of the teachers and schools about the use of the telling tales. Almost all the schools have educational projects around the tale with some interesting results, but they need a new impetus to affirm themselves.*

**Key words:** *storyteller, tale, school*

Este estudo faz parte da pesquisa sobre os contadores de histórias, na França (1968-1998)<sup>2</sup>, publicada com o título de “*Les conteurs se racontent*”, em janeiro de 2002, na Suíça. Neste trabalho foram estabelecidas variáveis em relação ao contador de histórias e a sua arte: a necessidade de um retorno à oralidade, a renovação do conto oral, a nova maneira de contar, seu papel social e a sua busca por uma identidade profissional.

No final dos anos 60, na França, os primeiros sinais de uma renovação do conto oral pareciam coincidir com o movimento de “*prise de parole*”. Maio de 68 estimulou, entre outras coisas, a produção de uma nova oralidade em relação às artes estabelecidas.

Se na França, desde o início do século, a arte de transmitir oralmente o conto chega às escolas e às bibliotecas sob a impulsão das bibliotecárias norte-americanas, este retorno à oralidade pelo novo contador é reconhecido como um fenômeno social e cultural na França e em diversos países da Europa e da América do Norte.

Assim, a escola e a biblioteca levam mais uma vez para o seu cotidiano a presença das novas práticas de contar, contribuindo para a evolução dos novos portadores de oralidade. O novo contador de histórias é o agente do fenômeno de renovação do conto. Ele é o executor das transformações de uma prática. Ele transmite um patrimônio e forma novos leitores e representa uma das vias e uma das vozes portadoras de oralidade que a modernidade parece exigir.

A prática de contar na biblioteca é tão importante quanto a prática de contar na escola, pois esta prática já existia antes da renovação do conto na França. Os contadores

contemporâneos têm contado e continuam a contar na escola, na biblioteca e em creches.

A escola e a biblioteca são lugares onde muitos contadores começaram a contar, pois era, justamente, nestes lugares que o contador encontrava trabalho<sup>3</sup> e onde ele tinha a oportunidade de realizar sua arte.

Através de artigos, pesquisas e principalmente através das narrativas de vida, pude conhecer a opinião do contador sobre a sua intervenção na escola<sup>4</sup>. Primeiramente por que ao falar sobre a sua experiência, o contador de histórias sempre se referia à escola e às bibliotecas. Em segundo lugar por que entre os contadores entrevistados, 43% tinham sido professores antes de ser contadores.

Entretanto, este número, que aliás é bem representativo, assim como a confirmação de que a maioria, entre eles, começou a transmitir oralmente o conto na escola, não garantem o interesse do contador pela instituição escolar. Na maior parte dos casos, os contadores contaram e continuam a contar na escola, mas como alguém que conhece a sua antiga profissão, ele não deixa passar a oportunidade de fazer certas críticas, às vezes bem severas.

Alguns contadores que nunca foram professores, mas que contam e ou fazem oficinas de conto nas escolas, não têm uma opinião muito diferente dos outros, ou seja, que a utilização do conto na escola nem sempre privilegia o lazer, o jogo, a arte, a imaginação e os interesses das crianças, ao contrário o professor insiste em se servir do conto como instrumento para o seu trabalho, dentro de uma perspectiva unicamente pedagógica, diriam outros.

Atualmente, na França, quase todas as escolas têm projetos pedagógicos dirigidos ao conto. Frequentemente os professores querem trabalhar duas coisas: a escuta e a expressão, mas como bem explica uma contadora: *“a parte do sonho tem tendência a se esconder pela utilidade pedagógica. É preciso que haja rendimento... uma serventia... e às vezes”*, continua a contadora, *“fica muito difícil desenvolver uma qualidade de escuta com as crianças, quando as professoras não possuem esta qualidade”*.

Para elas o importante é saber como se servir em classe do conto, por exemplo, em que medida um trabalho com a língua materna poderá ser desenvolvido a partir de uma sessão de conto? Como diz a contadora, os professores estão sempre preocupados em estabelecer relações entre o conto e seu projeto pedagógico. Se pudermos compreender que a função do professor é a de ensinar, não podemos, no entanto, aceitar que a transmissão e a recepção oral de um conto pelo contador de histórias não esteja senão a serviço de uma abordagem redutora, servindo de pretexto para se obter resultados previsíveis.

A contadora de histórias fundamenta seu parecer argumentando que na prática de ouvir e contar histórias muitas coisas atuam ao nível do inconsciente e, querer utilizar o conto com fins psicológicos e pedagógicos, nós o abafamos, nós o esvaziamos de sua substância essencial (Virginie Lagarde).

Teresa Canet, experiente professora da escola fundamental, hoje contadora de histórias, acredita que o conto pode significar uma ajuda para a escola e para a aprendizagem, pois ele pode igualmente nos ajudar na vida. Entretanto, para se chegar a este resultado, é preciso antes acreditar nisto, e, na escola, não é o que sempre acontece. As crianças precisam se apropriar da oralidade para compreender o escrito, sublinha a contadora.

Segundo dados de pesquisas os anos 80 foram marcados por uma forte presença do conto na escola. Oficinas de conto aconteciam em cidades e regiões diferentes durante as jornadas pedagógicas. Os estágios de formação despertavam grande interesse por parte dos professores.

Nesta época, o interesse pelo conto por parte dos profissionais da educação se manifestava de forma intensa e, a cada dia, a busca por um retorno à narração oral era empreendida, pois, acreditavam os professores que, a narração capta muito a atenção das crianças e desenvolve a escuta. Neste sentido, complementaríamos dizendo que o conto valoriza a palavra humana e proporciona o calor da presença, ele possibilita trocas, enfim, ele estabelece uma verdadeira relação, necessária à criança e impossível de se encontrar, da mesma forma, em outros meios de comunicação.

Revistas especializadas testemunham esta renovação do conto oral, na França. Em junho de 1985, muitas conferências e oficinas foram consagradas ao conto no Congresso nacional de escolas maternas, no qual mais de duas mil pessoas participaram. Este congresso organizado pela Associação geral dos professores de escolas maternas tinha como tema: A criança de hoje sobre os caminhos do imaginário.

Entretanto, apesar desta prática de contar nas bibliotecas e nas escolas ter alcançado resultados, um problema persiste ainda, o da formação em relação à arte de contar. Às vezes, *“nós confundimos arte e artifício, magia e predestinação”*, afirma Michel Hindenoch. *“O contador não é mais que um jogo mecânico destinado a produzir narrativas estandardizadas que tranqüilizam os adultos e mostram às crianças que eles podem contar as histórias cujo sentido não é ouvido, nem levado em conta (...) a forma é dada antes por uma armadura standard. Não se trata de ensinar a abrir um caminho, mas de ensinar a continuar na estrada, enfatiza o contador”*.

Quando interrogamos os contadores sobre o fenômeno de renovação do conto oral nas bibliotecas parisienses, eles responderam que se trata de um movimento muito antigo, com mais de vinte anos, mas que, infelizmente isto ainda não acontece nem em todas as bibliotecas e ainda menos como seria de se esperar que o conto oral fosse trabalhado. Isto se justifica pela falta de pessoal e de formação do pessoal.

A prática foi lançada, a idéia aceita e aplicada, mas falta uma verdadeira política cultural para alimentar constantemente esta idéia. As práticas sociais e culturais têm necessidade de tempo para se afirmar e elas são confrontadas por períodos de alta e de baixa. Elas têm necessidade de uma política permanente e de formação contínua para se manterem vivas e se renovarem com o tempo.

A contadora Myrian Dubois manifesta de uma outra maneira a mesma fragilidade do movimento do conto nas bibliotecas e nas escolas: *“Esta maneira de contar na escola e na biblioteca vem um pouco antes deste fenômeno do conto (...) nas escolas e nas bibliotecas já existiam professores e bibliotecárias que praticavam a arte de contar, antes de virem os contadores de fora. Há ainda pessoas que contam sem ser profissionais”*.

Os contadores confirmam o período em que o movimento das ‘animações’ foi iniciado nas bibliotecas, mas a prática nos parece ainda necessitar de uma nova impulsão para se afirmar. O que seria uma ‘animação’ em relação a uma sessão de conto, indaga uma contadora?

O movimento de utilização do conto nas bibliotecas ou nas escolas têm sido ligado ao mercado do livro. Nos anos 70, seguido de um crescimento considerável da produção da literatura para a infância e a juventude, o mercado editorial cruza os projetos de leitura, principalmente com o da ‘hora do conto’.

Algo de novo foi iniciado e atingiu as bibliotecárias, os professores e o público. O ambiente de uma biblioteca, o comportamento dos profissionais ligados ao livro, a leitura e aos leitores sofreram mudanças notáveis nos últimos tempos.

Nós visitamos algumas bibliotecas e escolas da região parisiense, de Paris e do interior da França, nós encontramos, sem alguma dúvida, trabalhos numerosos e interessantes, em busca de consistência e coerência. Mas, como anunciou o estudo produzido pelo Centro de literatura Oral – CLIO, “é somente com a ajuda governamental que operações de envergadura podem ser organizadas”. Entretanto, é preciso mais que isto. O conhecimento é necessário para não correremos o risco de banalizar uma arte, para não reduzi-la “*a uma arte aplicada às necessidades efêmeras do momento*”, complementa Michel Hindenoch.

O retorno do conto oral vem entre outras artes responder às necessidades de um outro tipo de subjetividade, na aurora deste terceiro milênio. Não se trata, entretanto, de assumir uma atitude pedagógica que quer dizer que é preciso contar às crianças por que, se procedermos assim, eles aprendem mais facilmente a ler, como se de repente os contos fossem investidos de propriedades formadoras e pudessem produzir milagres. Certamente que esta correlação não garante o menor resultado.

Nós sabemos que, apesar de todas as práticas e todos os programas para generalizar o acesso à literatura e promover a leitura, os resultados são, ainda, insuficientes. Através da pesquisa e do contato com outros pesquisadores, pudemos constatar que, apesar da presença do contador na escola, algumas questões restam em discussão. Isto quer dizer que a transmissão oral do conto pelo contador na escola é uma realidade na França, mas falta ainda uma compreensão mais profunda.

Nós acreditamos que a presença da oralidade na escola – e aqui nós não nos referimos somente ao ato de contar uma história, pois isto nós podemos fazer para divertir simplesmente – exige que nós privilegiemos o acesso aos patrimônios tradicionais e a incorporação de saberes constitutivos de uma relação oral e, por outro lado, que a presença desta riqueza real possa ser compreendida como um ato de coerência em relação ao processo de aprendizagem das crianças. Nestas formas de relação orais, as relações pessoais são de uma importância fundamental, e a linguagem é pontuada pela ação.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento – o contexto de François Rabelais*. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Edunb, 1998.
- CHARTIER Roger (Org.). *Práticas da Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- ELIAS N. *Engagement et Distanciation*. Paris: Pocket, 1993.
- ELIAS N. *La Société des individus*. Paris: Fayard, 1991.
- FELICIO PEREIRA V. L. *O Artesão da Memória no vale do Jequitinhonha*. Belo Horizonte: UFMG et PUC-Minas, 1996.
- GADAMER H-G. *L'Actualité du beau*. Aix-en-Provence: Alinéa, 1992.
- GOODY J. *Entre l'oralité et l'écriture*. Paris: PUF, 1994.
- JAUSS, H.R. *Pour une esthétique de la réception*. Paris: Gallimard, 1978.
- KAUFMANN J-C., *L'Entretien compréhensif*. Paris: Nathan, 1996. (Collection 128).
- MANGUEL Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Perspectivas, 1997.
- OLSON D. R. et TORRANCE N. *Cultura escrita e oralidade*. São Paulo: Ática, 1995.
- PEREIRA DE QUEIROZ M. I. «Relatos Oraís: do indizível ao dizível», In:

- Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil)*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1988.
- POIRIER J., CLAPIER-VALLADON S. et RAYBAUT P. *Les Récits de vie - théorie et pratique*. Paris: PUF, 1983.
- RICOEUR P. *Temps et Récit 3* (Le temps raconté). Paris: Seuil, 1985. (Collection « Essais »).
- VERDIER Y. *Façons de dire, façons de faire*. Paris: Gallimard, 1979.
- ZUMTHOR P. *La Lettre et la Voix. De la littérature médiévale*. Paris: Seuil, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Introdução à poesia oral*. Trad. de Jerusa Pires Ferreira, São Paulo: Hucitec, 1997.

---

<sup>1</sup> Atualmente estou finalizando um projeto de pesquisa voltado para esta questão no Brasil: **O contador de histórias: Práticas de oralidade na escola (CNPq- período: 1999-2002)**. Duas perspectivas nortearam este trabalho: « A oralidade: um estudo sobre a identidade dos contadores de história na escola » e « A performance do contador de histórias na escola ». Este projeto faz parte da **Base de Pesquisa: Processos Discursivos, Mediação e Representações Sociais (CNPq)**.

<sup>2</sup> Este trabalho faz parte da tese: *Le conteur contemporain: une étude de la transmission et de la réception orales du conte en France*, apresentada e defendida na École des Hautes Études en Sciences Sociales, em Paris, sob a orientação da Profa. Nicole Belmont, diretora do Laboratório de Antropologia Social.

<sup>3</sup> Conforme depoimento dado por diversos contadores entrevistados durante a pesquisa.

<sup>4</sup> Minha pesquisa desenvolvida na França privilegiou o estudo sobre a transmissão e a recepção do conto oral pelos novos contadores de histórias. Neste sentido, queria esclarecer que presença dos mesmos na escola foi observada e analisada, por imposição dos dados obtidos com o trabalho de campo. Esta abordagem ocupa apenas parte de um dos capítulos da pesquisa, o que demonstra que a escola era mais um dos tantos espaços ocupados pelos novos contadores histórias para apresentarem sua arte. Entretanto, apesar do trabalho de análise, no universo escolar, não ter sido exaustivo, foi ao mesmo tempo de grande valia, no sentido em que ele esclareceu e confirmou resultados. Sem dúvida trata-se de um trabalho que merece ser continuado.